

Academia e Ciência - ou o elogio da Academência

José Jacob Cabido

Arquitecto, Professor Auxiliar da F.A.U.T.L.

jacobcabido@fa.utl.pt

Um leitor atento e crítico interessado das últimas *Artitextos*, entendeu enviar-me por e-mail a sua opinião sobre os artigos de minha autoria aí publicados. Dizia-me ele que não tinham nem o timbre académico e, menos ainda, o lastro científico (estes termos são meus e, por isso, mais cordatos), que justificassem a sua publicação num veículo que se quer com o peso, responsabilidade e dignidade exigíveis numa edição universitária.

Deu-me, por isso, a possibilidade de manifestar-lhe o meu agradecimento pelo comentário que, para além da frontalidade de uma opinião negativa, revelava interesse, disponibilidade pessoal e robustez intelectual; elementos fortes num debate entre opostos.

Face àquelas observações que, por certo, terão acolhimento junto de outros leitores, cabia-me uma de duas alternativas: se concordasse, devia reequacionar a lógica dos textos (na forma e na substância) e redireccionar o sentido das minhas comunicações. Se não, devia tornar claras e justificadas as razões do desacordo. Foi o que fiz. Primeiro, em exercício introspectivo e agora, como expressão pública dessa reflexão.

Dito isto, continuo convencido de que factor determinante para a publicação dos artigos, será o juízo sobre eles formulado e a sua eventual aceitação por parte desta comissão editorial da *ArtiTextos* a quem reconheço, para além da legitimidade, a competência para tal.

Cruzamos tempos estranhos, que têm tanto de fascinantes como de perigosos, e mais arriscados se tornam quando o abismo que defrontamos é hipnoticamente sedutor. Ora, é justamente a circunstância de visarmos um precipício que cremos transponível, que torna tão singular esta encruzilhada no curso da humanidade. Pela primeira vez desde o começo da nossa aventura como seres «eleitos», estamos cientes da mais do que provável iminência de um desastre potencialmente catastrófico para a espécie.

Ao mesmo tempo e na tentativa de apaziguamento geral, desenvolvemos a presunção de possuirmos os meios para o evitar mas, tal qual os ébrios, hesitamos muito em decidir sobre quando e o que realmente fazer.

É claro que não me refiro a decisões individuais, embora elas sejam factores indiciadores de uma primeira e muito importante consciência do dilema, mas à assumpção de um (o termo *desígnio* não me é simpático) rumo colectivo.

E afinal de onde nos vem esta fé na capacidade de superação da actual pré-hecatombe? – Simples: da crença no «Homem» e da crença na “Ciência”.

Se já acreditámos numa trindade, agora preferimos um dueto. Pois decorre daqui, justamente da essência desta dupla, o meu pessimismo e as mais sérias desconfianças sobre o porvir.

Num passado nada distante, perante situações de dúvida ou aflição, o homem procurava o resguardo e as respostas na religião. No Ocidente, quando fôr possível fazer a completa (e a verdadeira) história da Igreja Católica, ter-se-á a noção da exacta dimensão do brilho que a nossa civilização logrou alcançar, a despeito da sua religião.

Recordemos a autêntica amnésia científica e a obliteração do conhecimento, que foram impostos pela ortodoxia da cúria romana durante mais de dez séculos. Neste período a ciência clássica greco-romana foi pura e simplesmente banida, para que fosse possível enquadrar a visão do mundo “d.C.” e pô-lo de acordo com os novos cânones dos claustros e paços bispais. A ciência foi negada, mas não os mitos que foram bem incorporados e muito utilizados. Mas isso daria para um outro texto.

A estupefacção de verificar que o modelo estabelecido 500 anos antes de Cristo pelos gregos, de um mundo em forma de globo, constituído por dois hemisférios; cartografado por meio de paralelos e meridianos que definiam a latitude e longitude de um ponto terrestre; em que a medida do diâmetro da Terra e do perímetro do equador foram calculados com surpreendente precisão muito antes de Ptolomeu de Alexandria; ter de reconhecer que este conhecimento se pôde transformar – numa pungente regressão civilizacional – em algo parecida com um prato de bordos calcinados pelas labaredas do inferno e carregado às costas por uns monstros terríficos, é dolorosamente confrangedor.

Depois dos maiores doutores da Igreja recém estabelecida – de Santo Agostinho a Isidoro de Sevilha, do venerável Beda a São Bonifácio – terem assumido a catequese do embuste, restava apenas aos geógrafos e cartógrafos cristãos a imaginação delirante, para dar expressão a todas essas piedosas fantasias. E não se pense que esta foi uma pecha do catolicismo apenas. O protestantismo foi, mais tarde e noutros casos graves, ainda mais obscurantista.

A credence na leitura e interpretação literal dos textos religiosos – que perdura ainda hoje em vastas franjas do islamismo (constituídas em autênticos «cavalos de Tróia», que ameaçam com idênticas, ou ainda mais graves consequências, a Europa) – inquinou e atrasou o conhecimento ocidental por gerações. O mesmo está a acontecer às sociedades subjugadas hoje por tal credo, que instila ainda as únicas teocracias do século XXI.

Os primeiros sábios e pensadores que ousaram pensar pela própria cabeça e tiveram a audácia de o afirmar, pagaram muito caro pelo seu acto. Tudo o que não cheirasse ao tísico incenso dos monges, bispos e abades, estava irremediavelmente condenado ao calvário e ao martírio, por heresia.

Como foi possível que toscos, muitos deles analfabetos, iluminados apenas por uma “luz divina”, quem sabe se na forma adequada de “línguas de fogo”, tivessem conseguido que múltiplas áreas do saber, assentes em princípios rigorosos de observação científica, com registos metódicos e continuados, fundamento de cálculos elaborados e complexos de sofisticada geometria,

matemática e trigonometria, fossem rejeitadas e varridas da cultura oficial com o anátema de pagãs, só porque eram anteriores em trezentos anos ao nascimento do Salvador?

A ciência europeia medieval e renascentista, está assente num martirológio ainda hoje muito pouco reconhecido pela generalidade dos actuais beneficiários; que somos todos nós. O seu triunfo não foi sobre a ignorância, mas sobre a cegueira do fanatismo. Começou, não por descobertas, mas por redescobertas. Suplantou, não o vulgo, mas as elites castradoras das mentes e das consciências.

Consumou-se pela soma de jornadas individuais de alto risco pessoal e não por acções concertadas de “irmãos de armas”.

Aqui desaguados caberá perguntar, muito legitimamente, a que despropósito vem toda esta arenga? – é que acabei, sem querer, por vos fazer o meu retrato da grande religião da pós-modernidade – a ciência.

Depois de perdida a velha crença na *Providência*, necessitámos de nos render à magnanimidade da nova *Ciência*.

Na falta de outros esteios morais e culturais, o movimento de regeneração da dignidade individual do homem, desencadeado pela plêiade de sábios europeus a partir de Trezentos e que afrontaram numa resistência pacífica a soberba teológica (a que Ghandi, para além de Galileu, bem poderia dar rosto), esse movimento acabou por degenerar na criação de um novo ídolo de pés de barro; aquele a que hoje nos rendemos.

Desfeita a ilusão do incenso e da estearina, tudo o que hoje não cheire a engenharia, a nanotecnologia, a ciência biomédica, a microinformática, a tecnologia da imagem, da informação e da comunicação, à química ou à física do infinitamente grande e do infinitamente pequeno, não presta. E não presta porque não é vendável. Não o sendo, simplesmente não existe.

Elevámos aos altares os modernos aprendizes de feiticeiro. Estes homens de ciência (por onde andas, querido Gedeão?) deram-se em reabilitar a vaidade dos cardeais. Se questionados, reagem com afectação. Se não são atendidos – e cada vez se tornam mais insistentes e exigentes (é o *dízimo* na forma de verbas e financiamentos) – ameaçam com novas “pragas bíblicas”. Se incompreendidos, insistem em tornar-se ainda mais ininteligíveis. Se contestados, o epíteto de *velho do Restelo* ou, melhor ainda, o ferrete de *reaccionário*, equivalente ao infamante “herético”, é xeque-mate!

Começaram a construir uma irmandade a que se ascende em liturgias iniciáticas, que olha para os pobres ignaros, para já, com complacência e depois... logo veremos. Por ora, estamos ainda na fase do “perdoai-lhes Pai, porque eles nem sabem o que não sabem”.

Daqui à nova doutrinação foi um salto. Tal como os pios anacoretas, também estes cientistas começaram por ser uns bem intencionados. Depois, apercebendo-se do poder que tinham e que podiam vender a quem melhor lhes pagasse, tornaram-se mercenários de elite. Hoje fazem parte da corte de todos os poderosos – de Obama a Bin Laden, de Kim Jong-Il a Hugo Chavez, de Kadafi a Putin.

Tal como outrora, a cartilha aponta sempre para o mesmo: a “salvação da humanidade”. Se a manipulação genética dos seres vivos – plantas e animais – abre (sem hipótese de retracção) a caixa de Pandora, os argumentos alinhavados são os da alimentação farta para todos e a cura definitiva das maleitas dos mais de seis biliões e meio de almas. Sobretudo se fôr proclamado que a demanda da alquimia genética visa a erradicação das enfermidades da geriatria, não por acaso aquelas para onde todos queremos caminhar, então quem ousará contestar a benesse e recusá-la?

A hipocrisia científico/industrial só não diz que a *doença* jamais será erradicada (mesmo que tal fosse crível), porque é dela que se alimentam as aristocráticas e poderosas indústrias farmacêutica e de equipamentos médicos e hospitalares.

O mesmo acontece, de resto, noutra actividade de ponta. A indústria escravagista do petróleo, decidirá só quando lhe fôr conveniente, o fim da dependência da maquinaria mundial dos combustíveis fósseis. Mas esse dia posso eu antecipar qual seja: será quando forem dela as principais patentes dos motores sucedâneos aos de combustão, assegurando a continuação da exploração monopolista do novo factor de consumo massificado.

Como hoje não existe ciência sem indústria, convém igualmente não esclarecer muita coisa. Por isso, deixam-se os consumidores na ignorância dos males e de alguns dos mais inconcebíveis sacrifícios impostos a povos inteiros, das regiões subdesenvolvidas do planeta. Aí, as mega lixeiras e a pilhagem de matérias-primas (quanto mais raras, pior e mais pesado o silêncio), alimentam o criminoso desperdício da *consumocracia* que aquela parelha impôs ao 1º mundo. Reafirmo a minha caracterização dos actuais cientistas como “aprendizes de feiticeiro”. Enquanto se entretiveram em exercícios e práticas diletantes eram inofensivos. Quando decidiram reivindicar um lugar com pedestal no poder, fizeram-no de forma inteligente (como não podia deixar de ser) e calculada (como teria de ser). Aconteceu no final da 2ª Guerra Mundial, quando reconheceram que a “ciência” podia ser muito destrutiva (...) quando em mãos erradas (!); foi ou não foi assim, Albert?

Preparam-se desde então para, paulatinamente, assumirem eles a hegemonia das decisões, assegurando-se que o «poder da ciência» esteja sempre nas mãos certas. Por enquanto, esse poder é detido ainda, por representação, pelos seus acólitos, que como se sabe é o 4º grau das ordens menores. Mas a jornada mansa para a tomada efectiva do poder pela *ciênciocracia* está em marcha desde há algum tempo, e o rebanho olha fascinado o novo pastor e as suas maravilhas.

Tal como há 1700 anos, as promessas são idênticas e, porque afinal evoluímos e tornámo-nos um pouco mais sofisticados, as actuais são até mais aliciantes. Agora já não se promete o paraíso no Céu da outra vida, mas já se pondera propor o Jardim do Éden agora e aqui mesmo na Terra. – Pelo menos enquanto esta nos suportar.

Alguns cientistas sentindo a rédea solta (o que é um facto), tomaram o freio nos dentes e publicitam ao som de fanfarras algumas das mais insólitas degenerações, como se de grandes sucessos se tratassem. O exemplo mais recente é o daquele

“ser” que tendo nascido mulher, quis acrescentar um apêndice de macho à sua anatomia. Consumado o sonho (delírio?), passou à “loja ao lado” para encomendar uma inseminação artificial, tendo ficado prenho(a) de gémeos. Por esta história acarinhada e patrocinada pela “ciência”, ela(e) vai receber o equivalente a uma lotaria para ser o primeiro pai/mãe de dois pimpolhos. Para estes, no futuro, a única dificuldade será decidirem-se por que nome terno irão berrar, recordando à dita criatura a urgência do biberão.

O caminho para o hermafroditismo está aberto. A próxima fase será a de, finalmente, nos tornarmos todos uns angélicos querubins.

Na melhor tradição oitocentista dos espectáculos de estropiados e deformados, mantidos em cativeiro para o gozo soez da plebe, aquilo que pode ter começado num sistema mental e neurológico desregulado, a precisar de reforçada atenção e respeito pela dignidade da pessoa, acabou num grotesco número circense.

Aguardo para ver o colégio de deontologia de uma qualquer Ordem médica, levantar este assunto como uma questão de violação dos limites da ética científica. Mas o silêncio é de chumbo, certamente por não pretenderem a imposição de Ética na ciência.

Para mim a memória de uns doutores de suásticas na bata, que desenvolviam as investigações experimentais sobre o inferno de milhares de cobaias, mantidas em condições infra-humanas, é ainda demasiado presente.

A grande farsa destes harry potter's é que para se aquietarem de alguma emergente má consciência, deram em afirmar que os desastres causados (e a causar) pela ciência, serão resolvidos... pela mesma ciência. Bem vistas as coisas, é assim como uma espécie do confessor se ouvir a si próprio em confissão, acabando na inevitável absolvição dos seus múltiplos pecados.

Impõe-se-me, todavia, uma outra memória. A de reconhecer que nos interregnos do extremismo religioso ocidental, foi possível à cultura e ao génio artístico europeu legar-nos uma herança que é toda ela a redenção dos crimes do seu priorado. Enquanto os clérigos ofendiam os homens na Terra em nome de Deus, os mestres sublimavam a pregação e elevavam-na a Ele, na forma da Grande Obra.

A nossa História das Artes e das Letras, é o maior atestado disso mesmo.

Mas a cultura e o génio artístico foram inexoravelmente exorcizados pelos actuais sacerdotes desta Ciência. Para o melhor e para o pior, a arte precisa tanto do transcendente, quanto a ciência do objectivo, e quando se pretende inverter o princípio deste binómio, há disparate pela certa. Tenta-se a sacralização do profano ou a “ateização” do sagrado.

Porque nem toda a ciência deverá ser aceite como boa, apenas porque o é, como aconteceu no passado é preciso agora coragem, espírito de sacrifício e desprendimento pessoal para afrontá-la e definir-lhe os limites da sua actuação. Esses limites são os de não tolerarmos por muito mais tempo, que se continue a brincar aos deusezinhos.

Haverá, talvez, quem pretenda ver neste registo de opinião um despropósito quase insolente. Bem se sabe que esta é uma publicação da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa e que tem por tutela um ministério que, sem sofismas, se designa por Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior; sendo que esta ordem dos factores não tem nada de arbitrária.

Tal como não é inocente a remoção da Cultura para o triste e solitário *gheto* para onde foi desterrada.

Sendo assim, qual a razão desta aparente diatribe?

A atitude também não tem nada de original. Creio, convictamente, que deverá ser por “dentro” que esta situação tem de começar a ser debatida e combatida. Não é dado *cientificamente* provado, o valor e a importância hegemónica da ciência, nem na sociedade, nem na Academia actual, por muito que isso interesse aos baronetes da política e da indústria.

Muito pelo contrário. As nuvens que são visíveis no horizonte são de tempestade e a menos que a cultura e o humanismo (um valor intrinsecamente ocidental), sejam chamados a balizá-la, é bem possível que esta tormenta se abata desastrosamente sobre as próximas gerações. Até porque a nova moda da eco-ciência “verde”, tem raízes muito “negras” e ainda não declaradas.

Tal como as Dioceses de outrora, que ao promoverem a “*venda das indulgências*” para encher os cofres da Igreja de Roma, deram início à espiral de descrédito da instituição, também as Academias de hoje se tiverem por objectivo apenas, a “*venda de patentes*” para complementar os depauperados cofres da tutela, bem podem ter começado a cavar já a própria sepultura.

Se nos demitirmos da crítica directa, porque o risco de ostracismo no afrontar do *establishment* universitário e científico é real, se aqueles que têm o conhecimento dos meandros, dos bastidores e dos interesses em jogo no interior do *status quo* (que continuará corporativamente imutável se não fôr frontalmente denunciado), permanecerem calados, então será a cobardia e o comodismo a adjectivarem a demissão e a inacção.

– Martinho deu o exemplo.

Como se poderá deduzir não estou nada, nem predisposto nem tão pouco talhado, para exercícios de textos “*científicos*”, até porque eles são de fácil elaboração. Se não vejamos!

Primeiro, uns pós de erudição especializada (passe o paradoxo), e se ninguém compreender o escrito, maior o estatuto do académico. Depois lança-se mão de uma lista de confrades e de citações ainda não excessivamente vulgarizadas; mas estas convém que sejam de verdadeiros eruditos.

O único perigo no exagerar desta técnica é que ela torna difícil descortinar o pensamento próprio e genuíno do citador, relativamente ao do citado. Mas a isso estamos também já muito habituados.

Em seguida, há-de reconhecer-se que uns gráficos de barras, circulares, de eixos de xx, yy e zz, etc., quaisquer deles hão-de certamente figurar bem num texto científico. Depois temos as abordagens à logística, à estatística, aos percentuais,

às medições, aferições e interpolações várias. Chegamos então aos inquéritos, entrevistas e fichas de sistematização, identificação e comparação.

Como arquitectos que somos, temos também à nossa disposição uma infinidade de imagens de muitos temas, tramas e cores (isto é que é muito aborrecido porque torna cara a nossa publicação). Exercitamo-nos também muito nas montagens – do que era e de como virá a ser. E as antecipações e antevisões? – não falo das velhas perspectivas a aguada, mas da magia que nos trouxe a simulação e a animação, ficando nós a remoer em como nos terá sido possível a existência sem elas. Não prescindimos, igualmente, dos faseamentos, organogramas e cronogramas. Verdadeiramente científica é a intercalação no texto de algumas fórmulas químicas e de umas quantas equações matemáticas, numa semiótica de algoritmos e logaritmos. Atingir-se-á, enfim, a plenitude e o reconhecimento intelectual de predestinados.

Para concluir, o que é básico: não há nenhum texto científico digno desse nome, que não seja escrito no suave idioma de Shakespeare; em qualquer um dos seus múltiplos dialectos, aliás, cuja única nódoa é a de terem dispensado quaisquer acordos ortográficos.

Mesmo assim atrevo-me a recomendar aos que agora se iniciam nestas lides, que se dediquem prioritariamente ao *mandarim*, porque enquanto este tem futuro o outro, sem que o saiba, pode bem ter começado a contar os dias do fim.

Os padrões estão para ser outros.

Se isto soa a desconchavo, atentem no exemplo e se não me acompanham no gozo da ironia: então não é que no momento em que o Vaticano declara a aceitação da ciência proposta pelo “*evolucionismo*” de Darwin – obviamente a reboque do bicentenário do seu nascimento – constata-se o crescimento exponencial do número dos adeptos do “*criacionismo*” bíblico e dos crentes da mãe Eva a transfigurar-se de uma costela do Adão adormecido? Uma destas personalidades é até famosa por ter corrido à cadeira da vice-presidência da mais poderosa Federação do planeta. Sim, essa mesmo!

– Quase apetece perguntar: “*como é possível ser-se prior nesta freguesia?...*”

No rescaldo do que para trás fica escrito, cabe perguntar que relação terá tudo isto com a ARQUITECTURA? Certamente nada, se a considerarmos apenas nas suas vertentes *científicas*. Mas se lhe acrescentarmos a riqueza da complexidade humana e aceitarmos que a dignidade da nossa condição de “animal espiritual” é um valor pertinente para a reflexão dos arquitectos, então talvez haja algo que cada um possa vir a depurar e reelaborar, com verdadeira profundidade, no momento solitário do seu acto de criação.

Voltando ao princípio e para dar o nó nas duas pontas desta meada, dirijo-me ao amável leitor que me admoestou. Quanto à “*cientificidade*” das minhas intervenções, admito-me atingido pelo mais absoluto desinteresse. No que respeita ao cumprimento de uma escrita elegante, tal qual se exige neste areópago, obrigo-me ao pedido de desculpas do penitente, confiando na boa vontade daqueles que tenham tido a paciência de concluir a leitura.

nota 1 – se alguma vez me atrevesse a abordar um texto científico e como prova de que também seria capaz de algumas citações, começaria por uma das mais certeiras de um dos gigantes da grande ciência contemporânea:

“diz muito sobre a natureza humana que a única forma de vida criada por nós, seja puramente destrutiva. Criamos a vida à nossa imagem”.

Stephen Hawking, falando sobre os vírus de computador.

nota 2 – já depois de concluído este registo, tive conhecimento informal de que a *ArtiTextos* será dotada em breve de uma “comissão científica”. Tal aquisição ficará a dever-se (pelo que soube), à necessidade de dotá-la de reforçada credibilidade e para assegurar que os ilustres escribas tenham direito a uns “créditos”, juntando-os ao *curriculum* de progressão na carreira.

Pressinto que este será o meu canto de cisne e porque aqui, afinal, já estou no topo da minha carreira académica, apresso-me nas despedidas.